

BIBLIOGRAFIA

JEAN ROSTAND: *L'hérédité humaine*. 128 págs. Presses Universitaires de France. Paris, 1952.

Das numerosas obras destinadas à divulgação de rudimentos de genética, poucas são as que em clareza e concisão didática podem competir com este livrinho do conhecido cientista francês. Sem exigir do leitor quaisquer noções prévias, Rostand lhe vai ministrando, passo a passo, os elementos essenciais para a compreensão dos complicados fenômenos da hereditariedade humana, com a preocupação fundamental de lhe proporcionar uma base sólida e sem sobrecarregar o texto com dados que, por interessantes que possam ser, prejudicariam a finalidade a que se destina a admirável coleção "Que sais-je?" e, dentro dela, o presente volume. Para estudantes universitários e outras pessoas que, não tendo conhecimentos de biologia, queiram tomar contacto com a antropogenética, o trabalho de Rostand é de incontestável utilidade.

Egon Schaden

HERMANN TRIMBORN: *Das Menschliche ist gleich im Urgrund aller Kulturen*. 38 págs. Verlag Albert Limbach. Braunschweig, 1948.

Este fascículo, que visa a pôr o professorado alemão ao par de uma das questões fundamentais da Etnologia, é merecedor de tóda a atenção.

Pondo-se a serviço da cultura geral, o pesquisador deixa de ser pesquisador, para dirigir a palavra aos professôres de seu país. O alcance educativo da emprêsa é evidente, pois que se trata de munir a geração adolescente de idéias que tendo passado pelo crivo da crítica científica, se afiguram adequadas à realidade. Previne-se assim o domínio do diletantismo sôbre um campo propício à formação de centros de energia de conteúdo meramente intencional, bem como a ameaça de ativação demagógica em diferentes setores do espírito objetivo. Os perigos inerentes a um a-priori que a ciência deixe "livre" revela-os de maneira insofismável a história dos últimos tempos.

Trimborn resolve magistralmente o problema que se propõe. Arrola os argumentos em favor da tese da igualdade fundamental do gênero humano: a identidade das necessidades básicas de todos os homens, a repetição de estereótipos comuns em tódas as culturas, a possibilidade de cruzamento biológico entre os ramos da espécie. Argumentos conhecidos e mesmo tradicionais, o autor sabe contudo colocá-los, de modo interessante, como base para a discussão da pluralidade real das culturas. A capacidade de adaptação a condições ambientais diferentes, a influência de disposições hereditárias grupais, a ação estabilizadora da tradição cultural, a capacidade criadora que leva a invenções e inovações, a sujeição a vicissitudes históricas, as possibilidades de mudança pela ação de forças culturais internas — são fatores onipresentes na humanidade, e o seu poder de produzirem variações de povo em povo testemunha precisamente o equipamento fundamental uniforme do gênero humano. Pois se